



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9085 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

## FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE NA EJA A LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO

Carla Daiane Saraiva - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

### FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE NA EJA A LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO

#### Resumo

O trabalho é resultante de estudos realizados por meio do projeto de pesquisa intitulado *Por dentro da escola pública de EJA: práticas e conhecimentos significações* vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA). Teve como objetivo, compreender a formação continuada de professores da EJA tomando por base o *pensamento complexo* de Edgar Morin (2000; 2015; 2018). Para o alcance do objetivo, assumimos alguns destaques do pensamento complexo: paradigma simplificador, reforma do pensamento, inteligência geral e os três princípios que nos ajudam a compreender a complexidade do real, princípio dialógico, princípio recursivo e princípio hologramático. Definimos, a partir da reflexão, que a formação continuada complexa possibilita ao docente da EJA se perceber como parte do processo de construção de conhecimentos, rompendo com o modo simplificador de produção de saberes, na busca por uma visão de interdependência e interrelação entre os sujeitos e suas múltiplas redes educativas.

**Palavras-chave:** Formação continuada docente. Educação de Jovens e Adultos. Pensamento Complexo.

#### Introdução

A palavra formação, em função de algumas práticas historicamente assumidas, nos remete a ideia de dar forma, moldar como se os educadores fossem uma massa inerte, aquele que não tem uma forma determinada e que somente deixa esse estado, a partir da apreensão de informações e conteúdos definidos a priori por propostas de formação técnicas. Esse entendimento da formação docente como algo externo ao sujeito e localizado somente no conhecimento cientificista ou naquele que o transmite é limitado, simplista e determinista, mera ilusão de uma forma de poder e de sociabilidade instituída que não quer ver a capacidade do outro de se apropriar, de se fazer próprio numa tessitura.

Encontramos essa ideia de formação muito frequentemente nos documentos que regulam, na atualidade, a formação inicial e continuada de professores no Brasil, tais como:

BNC da formação de professores da Educação Básica (2019), e na BNC da formação continuada (2020).

Buscamos com esse estudo, contrapor essa ideia simplista de formação apresentando um outro conceito possível de formação continuada docente na EJA, tomando como base o pensamento complexo de Edgar Morin. Para o autor, a complexidade significa uma tessitura múltipla, considerando inseparáveis aquilo que uma racionalidade mecânica dicotomizou, indivíduo e contexto, o todo e as partes, sujeito e objeto, professores e alunos e todos os demais tecidos que articulam acontecimentos, ações e interações organizacionais que tecem a trama da vida.

Defendemos com Morin (2015, p. 67) que uma formação continuada complexa possibilita ao docente perceber, ao mesmo tempo, a complexidade e a especificidade, o local e o global, as partes e o todo em uma rede de saberes-fazer que é *auto-organizadora*, à medida que “cada sistema vivo cria suas próprias determinações e suas próprias finalidades” considerando sua microdimensão (ser individual) e sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária).

Acreditamos que esse seja o desafio colocado pelo pensamento complexo moriniano, pensar a formação continuada docente a partir de uma reforma no/do pensamento, que simultaneamente conduzirá a uma reforma na/da prática pedagógica.

Serão tratados, aqui, alguns destaques do pensamento complexo, tais como paradigma da simplificação, reforma do pensamento, inteligência geral e os três princípios guias que nos ajudam a compreender a complexidade do real: (1) princípio dialógico, (2) princípio recursivo e (3) princípio hologramático.

### **Fundamentos Teórico-metodológicos da pesquisa**

O trabalho está fundamentado nos princípios das pesquisas *nosdoscom* os cotidianos (OLIVEIRA, 2007), especificamente no que se refere aos movimentos: sentimento de mundo, beber em todas as fontes e narrar a vida e literaturizar a ciência de Alves (2008).

O movimento metodológico *sentimento de mundo*, empreendido por Alves (2008) nos sugere um mergulho com todos os sentidos no campo da pesquisa, seja na leitura dos documentos, nos textos de fundamentação teórica ou nos cotidianos vivenciados pelos praticantes. Sentir o mundo em sua complexidade, agrega valores, sentidos e experiências invisibilizadas por lógicas hegemônicas de conhecimento. O movimento de sentir o mundo em sua complexidade é traduzido pelo *Princípio da Recursividade Organizacional* (MORIN, 2015) uma vez que este rompe com a linearidade causa/efeito, produtor/produto. O pesquisador e os sujeitos pesquisados trocam experiências à medida que constroem uma compreensão acerca de suas realidades.

O movimento *beber em todas as fontes*, reflete a nossa opção teórica de entender a formação continuada docente na EJA, a partir do pensamento complexo, ou seja, de tecer uma compreensão de formação a partir de múltiplas referências (práticas-teóricas), superando visões reducionistas que vem sufocando esse saber-fazer da formação continuada. Há nesse sentido uma relação com o *princípio dialógico* que traduz, segundo Morin (2015) esse movimento, à medida que favorece o diálogo entre as diferentes áreas do saber a fim de compreender o mundo em sua globalidade, na sua multidimensionalidade. Entender a formação continuada docente na EJA pela perspectiva unilateral não é mais possível, uma vez que as relações entre os muitos sujeitos da modalidade são plurais e complexas.

O terceiro movimento proposto por Alves (2008), narrar a vida e literaturizar a

ciência, adotado neste processo da pesquisa, considera para reflexão o que está nas margens do texto, do dito nos documentos, também invisibilizados pela lógica descritiva e maniqueísta do discurso. Esse movimento é traduzido pela concepção de *Inteligência Geral*, pois de acordo com Morin (2000, p. 39) “[...] a compreensão dos enunciados, longe de se reduzir a mera decodificação é um processo não-modular de interpretação que mobiliza a inteligência geral e faz amplo apelo ao conhecimento do mundo.”

São com estes movimentos teórico-metodológicos, que produzimos compreensões introdutórias de formação continuada docente na EJA, valendo-nos de concepções do pensamento complexo do filósofo Edgar Morin.

## **Resultado/Discussão**

Antes de iniciarmos as conversas acerca da formação continuada docente na EJA, acentuamos que a educação como um direito para sujeitos jovens, adultos e idosos se abre em textos legais, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/96, Art. 4º, Inciso VII e posteriormente com o Parecer CEB Nº11/2000. Os sentidos desse direito representam a dignidade de usufruírem como humanos, da educação, bem público expresso nas sociedades como condição para o exercício pleno da cidadania. Apesar de, no Parecer CEB Nº 11/2000, esse direito se apresente de forma compensatória.

Tratar a EJA como direito, desafia-nos, além de enfrentá-la como uma modalidade básica da educação, ou seja, como uma política de Estado, em pensá-la também no contexto da educação continuada, que ocorre por toda a vida (IV CONFINTEA, 2009), o que implica pensar a formação de educadores para o trato com os sujeitos desse campo.

Observamos com Paiva (2012), mesmo que de modo geral, a formação inicial (licenciatura) se mostra insuficiente para atender as demandas específicas do processo de escolarização do público da EJA, bem como sobre a ação pedagógica que eles requerem. Esse entendimento se confirma na fala de uma das parceiras desse estudo quando anuncia que: “*o fato de eu vir de uma outra licenciatura (inglês) tornou o meu trabalho na EJA muito difícil, quase impossível eu diria.*” Uma das interpretações possíveis à fala da professora é que o problema da formação docente para atuar na modalidade EJA não está restrito apenas ao curso de Pedagogia, se estendendo também às outras licenciaturas.

Essa tradução reforça nossa preocupação em pensar a formação continuada docente na EJA pelo paradigma da complexidade, que entende o aprender como uma necessidade vital do ser vivo, que acontece por toda a vida. A visão complexa, defendida com Morin (2000; 2015; 2018) abarca possibilidades para a formação continuada docente na EJA: pensamento em rede, um conhecimento que não é mais fixo, mas aproximado, de construção individual mas também coletiva, compreende que cada sistema vivo é uma rede multiplamente interconexa cujos componentes estão mudando constantemente, os sujeitos vão criando os seus mundo na interrelação com o mundo dos outros.

Nesse sentido, pensar a formação continuada docente na EJA a partir do paradigma da complexidade, é antes de tudo, compreender que o processo de construção do conhecimento se dá pela perspectiva interdisciplinar/multidisciplinar, sistêmica que se situa além dos arcabouços tradicionais de construção do conhecimento. Essa ideia de formação questiona o paradigma clássico da árvore do conhecimento, que de forma hierarquizada – do fácil para o mais difícil – , organiza conteúdos e supõe que nessa ordem é que se aprende, eliminando a “incerteza cognitiva” (MORIN, 2018, p. 87) e negando outras aprendizagens cotidianas que os sujeitos jovens, bem jovens, adultos e idosos constroem em suas vivências.

Uma das parceiras desse estudo corrobora esse pensamento arbóreo, ao afirmar que:

“Por um período, a formação continuada era considerada o processo de estudo que professores precisavam para aperfeiçoar sua prática. Hoje, sabemos que a prática faz parte desse processo e deve ser considerada”.

Essa posição se deve, em grande parte, aos novos discursos, concepções e paradigmas que vem sendo assumidos por pesquisadores da área da formação de professores. Os novos diálogos tem possibilitado o rompimento com as certezas, com a ideia de pronto e acabado e caminha para o diálogo com a incerteza, com a desordem, portanto, com a complexidade. Percebemos que os modelos de formação estabelecidos pelo *Paradigma Simplificador* se mostram incapazes de responder as inquietações emergentes do cotidiano dos sujeitos da EJA tendo outras propostas se apresentado como possibilidades na atualidade.

Tomemos como exemplo, os coletivos de autoformação docente, espaços de mediação entre as práticas e a necessidade de refletir e teorizar sobre a ação, sendo esse seu maior sentido e significado (FARIAS, 2020). Essa perspectiva oportuniza aos docentes da EJA assumirem questões de cidadania, de equidade, da diversidade e da justiça social a partir das informações que obtém sobre o concreto (o contexto de suas salas de aula) e nas trocas interativas com outros grupos de professores que trabalham com a modalidade. Contudo, essa ainda é uma prática pouco efetivada nos processos de formação continuada na EJA, inclusive na instituição que se constituiu como campo de pesquisa desse estudo.

A prática da autoformação não é uma constante, em função do enraizamento do pensamento ocidental nas estruturas de sociabilidade instituída do pensamento monocultural, unidisciplinar, originário do modelo capitalista de sociedade, impedindo-nos de ver as unidades complexas, o caráter multidimensional das práticas.

A abordagem do pensamento complexo proposta por Morin (2018), especialmente no que diz respeito a *Reforma do Pensamento* se apresenta como possibilidade à formação continuada de professores da EJA, propondo ultrapassar essas limitações do pensamento cartesiano que ainda hoje vigoram no campo da formação docente, abrindo caminho para um conhecimento prudente para uma vida decente (SANTOS, 2009).

O paradigma complexo se abre como possibilidade de rompimento com processos de formação continuada docente na EJA que visam a preparação de professores “bons o bastante” (DINIZ-PEREIRA; ZEICHNER, 2008, p. 12) para seguirem um currículo roteirizado e serem treinados em práticas de ensino prescritas, unidisciplinar. Ainda de acordo com os referidos autores (Ibid., p. 49) “[...] um professor ensina o que um professor é [...]” Para saber o que está fornecendo ao outro, um professor precisa conhecer a si mesmo, tão profundamente e honestamente quanto possa, pois sua visão de mundo reflete no modo como ele conduz suas atividades.

### **Considerações Finais**

Constatamos que o paradigma simplificador não dá mais conta das demandas contemporâneas da formação continuada docente na EJA, caminhando em descompasso com as necessidades dos sujeitos envolvidos no processo – educandos e educadores. A visão monocultural fragmenta, unifica e dissocia os conhecimentos com a finalidade de eliminar as incertezas, a desordem necessária a (re)organização da vida.

Outra questão que atravessa a reflexão, diz respeito a definição de formação continuada docente na EJA que escapa a ideia de atualização, treinamento ou capacitação. Para as parceiras desta pesquisa, a formação continuada deve acontecer considerando as emergências do cotidiano da escola pública de EJA. Sinalizamos como possibilidade, os coletivos de autoformação, espaços interativos, de trocas entre professores da referida

modalidade.

Por fim, compreendemos, com o estudo, que processos de formação continuada docente na EJA fundamentados pela abordagem do pensamento complexo se propõe dialógico, recursivo e hologramático, possibilitando que os sujeitos jovens, adultos e idosos da modalidade ressignifiquem a si e o seu mundo.

### **Referências**

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (orgs.). **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. ZEICHNER, Kenneth M (org.). **Justiça Social: desafio para formação de professores**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FARIAS, Priscila Moreira Silva. Formação de professores na perspectiva da complexidade: um Estado da Arte. **Dissertação** (mestrado) – Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba. 2020. 118 f.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar Morin. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 24. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ ler/ouvir/sentir o mundo. *Revista Educ. Soc. Campinas*, vol. 28, n. 98, p. 47-72, jan./abr. 2007.

PAIVA, Jane. Formação docente para a educação de jovens e adultos: o papel das redes no aprendizado ao longo da vida. **Revista da FAEBA: educação e contemporaneidade**. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I, v. 21, n. 37, jan./jun. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.